

Observações a respeito da menina

M. M.C.S.P

Primeira parte

- A montagem da cena:

Ele tem de olhar para ela, como se ele nem ali estivesse, ela tem de olhar para o alem dele...ele é transparente.

Narrador: A menina, aquela mesmo, a-sem-nome, costuma desde sempre sair pelas ruas que ficam ao redor de sua casa. Algumas poucas vezes, ela sai com demasiada pressa, - pressa de se encontrar! Agora está atrasada para a vida, mas na maior parte das vezes (o que eu não quer dizer que é sempre) ela sai comum, sai como qualquer outra menina. Penteia os cabelos, passa seu batom cor-de-nada, veste seus sapatos pretos desbotados, nem muito altos, nem tão pouco baixos e; mesmo calma, a menina caminha a passos largos... Caminha quase pulando e, quase caindo se agarra às grades das escadas da casa ao lado, casa branca, de um branco meio apagado. Essa menina está sempre pronta para se segurar nos cantos porque sabe que vai cair; e sempre pronta para se enfiar nos corredores, porque também sabe que, de uma hora para outra, vai sentir vontade de se esconder de todo mundo.

A menina sai às ruas e por mais penteada que esteja, está descabelada. Uma vez que sempre antes de sair, passa em frente ao espelho e sente-se obrigada a procurar algo nela mesma, aproveita para se pentear... O que será que procura?

Segunda parte

- A menina:

Ainda procuro?...Ainda procuro! Como um cego procura aquele último rastro de luz um dia visto por alguns segundos, ou talvez aquele último rastro de luz tenha sido tão desejado, que tudo que se viu foi miragem, foi idealização?... Ainda procuro! Tento me imaginar buscando por algo só meu, busco alguém... Já encontrado, já esculpido... Quem esculpiu? Puxo o último segundo de ar! Puxo o último segundo de ar até descobrir que depois dele ainda respiro... Eu soltei o ar, o mesmo ar que tanto me fez falta e pelo qual tanto lutei...

Lutei?Lutei! Foi solto sem grandes dificuldades. Ao soltar o ar, aquele tão desejado, eu já nem me lembrava se um dia respirei! Eu estava com a mão na haste dos óculos, não me lembro se ia puxá-los ou empurrá-los para mais perto dos olhos e soltei o ar. Foi a concentração da missão, da qual não me lembro corretamente, que me fez soltá-lo?... Não sei... Ainda procuro. Procuro aquilo que já vi, será que vi ou que sonhei, ou ainda: penso que pode nem ter sido sonho! Uma ilusão... Ilusão... Tenho medo da palavra! A ilusão ilude a mente, os olhos, ilude tudo. Eu tentei não cair na ilusão, mas ela me empurrou de volta para o mundo, ela sempre me empurra por que eu ainda procuro, enquanto todos os outros já encontraram. Eles sabiam o que estavam procurando e encontraram. Eu realmente nem sei se procuro de verdade ou se finjo procurar por que eles procuraram e encontraram.

Terceira parte

- Narrador:

A menina! Sinto falta da menina, anda ela pelas ruas, ainda descabelada? Trocando de bancos ou tomando chuva? A menina só caminha e caminha só, mas ela aprendeu a perguntar pela estrada, por qual direção não tomar! Ela tenta perdoar os borrões a roupa esquecida que molhou de novo varal: não vai secar, não tem Sol! A verdade é que está menina tenta demais! Ela ainda não sabe como lidar com suas perguntas ou alheias, mas ela sempre pergunta sobre qualquer coisa. Muitas vezes coisa sem importância, coisa azulada. Ela não conta sobre seus sonhos e desesperos diários, mas ela sonha e sente medo! Tudo que a menina vê é um mistério. É por isso que ela nunca encontra nada.

Mais uma parte.

- A menina:

- Narrador? Narrador, tem alguém me olhando agora? Tem que ter porque eu não quero ser transparente! Eu não quero.